

RUY FABIANO

Ponto de Vista

A lógica do pacote

O meio empresarial já trabalha com a certeza de que o Governo não terá como evitar, até o final do ano, a edição de um novo pacote econômico. O Governo nega, mas a negação sistemática faz parte das mais caras tradições desse doloroso ritual. A lógica é simples: o acordo com o FMI, confessadamente indispensável para que o País equacione sua dívida externa — razão maior da troca de Zélia por Marcílio no comando da economia —, depende de ampla reforma tributária, a ser enviada ao Congresso.

Aí, começa a confusão. A própria equipe econômica — desarticulada, desgastada e enfrentando penosas dificuldades internas de relacionamento — descrê de suas chances políticas. Baseia-se, no caso, no tratamento de segunda que estaria sendo dado ao próprio **Emendão**, em que pese toda a coreografia dramática que precedeu seu envio ao Congresso. O Governo não tem maioria parlamentar, nem articulou-se para providenciá-la.

As principais lideranças no Congresso — gente como Ibsen Pinheiro, Genebaldo Correia, José Sarney, Mário Covas, entre outros — duvidam que venha consegui-lo a tempo. Simples: nenhum desses personagens, que mobilizam numerosos votos, foi procurado para discutir o assunto. E, sem esse ritual, nada feito. Não basta repetir a trajetória do **Emendão**: proclamar, pelos jornais, a urgência da medida e remetê-la ao Congresso. Pior ainda quando se confessa que se está atendendo a pressões do FMI. O resultado será o de sempre: a rejeição. Ou o Governo negocia politicamente ou continuará fracassando, dizem os líderes. Negociação política, esclarecem, nada tem a ver com fisiologismo. Significa discutir com os diversos setores da sociedade, representados no Congresso, os rumos da política econômica. No caso da reforma tributária, o Congresso não se dispõe a aprovar o que deseja o Ministério da Economia ou o FMI. Quer, com independência, mexer na proposta.

Tudo isso leva tempo. E Marcílio tem urgência, pois quer fechar o acordo com os bancos este ano. Daí a lógica empresarial, que não é recusada em conversas reservadas com gente da equipe econômica, de que o pacote é inevitável. E ainda: certamente não se restringirá a medidas de natureza tributária. Fala-se em muita coisa, inclusive em dolarização da economia, nos termos do modelo argentino.

De tudo, restam algumas conclusões. A primeira: a fragilidade do dispositivo parlamentar do Governo sugere que o **Emendão** está fadado ao insucesso. Segundo: a equipe econômica estaria com os dias contados. Faltam-lhe, em relação à equipe anterior, duas coisas básicas: um formulador de políticas econômicas — papel que cabia a Antonio Kandir — e entrosamento entre seus integrantes. Marcílio nomeou apenas um: o secretário de Política Econômica, Roberto Macedo. Os demais lhe foram impostos ou sugeridos e, ao contrário da equipe de Zélia, não se conheciam. Há, por exemplo, atritos entre o presidente do Banco Central, Francisco Gros, e Macedo, assim como não são propriamente harmônicas as relações no conjunto da equipe. Sobretudo, há em todos cansaço, ceticismo e a constatação de que estão no limite de suas forças. E o País também.